

APRESENTAÇÃO

William de Siqueira Piauí

PERSPECTIVAS DO
FIM DO
MUNDO II

20 a 24
NOVEMBRO

Uma homenagem a
Leci Brandão e
Paulinho da Viola

REALIZAÇÃO
GEFILUFS
Mais informações:
piauiusp@gmail.com

*Ô, ô, ô, vou voltar para África / Ô, ô, ô, vou voltar para África.
Ô, ô, ô, vou voltar para África / Ô, ô, ô, vou voltar para África.
Meu mundo não é esse mundo. / Meu lar é aonde eu estiver.
Mas quando eu voltar para África, aí eu paro com tudo.
Isso não é nenhuma brincadeira é desejo da África. Isso não é nenhuma
brincadeira é o sonho da África. / Isso não é nenhuma brincadeira é o sangue da
África. / Isso não é nenhuma brincadeira, somos filhos da África.
Ô, ô, ô, vou voltar para África / Ô, ô, ô, vou voltar para África.
Ô, ô, ô, vou voltar para África / Ô, ô, ô, vou voltar para África.
Nestas terras corro perigo. / Seus conceitos me tiram a paz.
Preciso voltar para África. / Preciso estar perto do meu pai.
Vou correr, vou voltar para África. / Vou fugir desse lugar da prisão.
Isso não é nenhuma brincadeira é desejo da África. Isso não é nenhuma
brincadeira é o sonho da África. / Isso não é nenhuma brincadeira é o sangue da
África. / Isso não é nenhuma brincadeira, somos filhos da África.
África unida para todos nós. / África unida para todos nós.
África unida para todos nós. / África unida para todos nós.*

“África”, letra de Plebeu Jaó

O Manguezal – Revista de Filosofia

São Cristóvão/SE, v.1, n. 18, jan. – jun. 2024, ISSN: 2674-7278.

PERIGO E UNIÃO

Como bem expressou nosso poeta do Reggae, Plebéu Jaó, “nessa terra estamos em perigo”, eis que a terra se tornou toda a Terra, todo o Planeta. Perigo em toda parte!

Quando fizemos o primeiro evento Perspectivas do fim do mundo, no qual homenageamos Elza Soares e Racionais MCs¹, estávamos às voltas com a Covid 19, o desgoverno Bolsonaro, logo depois do golpe de 2016 e muitas de suas consequências; o cenário nunca pareceu tão apocalíptico, e foi o que essencialmente motivou o título do evento. Só nos restava enfrentar aquelas perspectivas tão presentes de fim do mundo, especialmente daquele pós-constituição de 1988 e da sucessão de governos do PT que tantos benefícios trouxe para a educação brasileira como um todo, e vale lembrar que a UFS cresceu cerca de 300% naquela sucessão, tempos que lamentávamos terem passado. Contudo, assim que terminamos o evento e pensávamos abandonar aquele título, em nome de perspectivas mais felizes, teve início, dentre outras que vieram logo depois e algumas vezes associadas a ela, a guerra da Ucrânia e, principalmente aqui no Brasil, seguimos sendo postos diante de uma série de ações policiais, intolerantes, racistas, perda de direitos trabalhistas etc. etc. etc. resultado também daquela onda nazi-fascista-teocrática que teve início, talvez, pouco antes do golpe de 2016, mas eram eventos que nos pareciam exigir críticas bem mais profundas e muito menos circunstanciais, ainda mais filosófica, portanto, já que pareciam terem se tornado ou serem desde sempre de ordem estrutural. Parece, ao final das contas e conforme com o horizonte que se abriu para nós, que estamos sempre e insistentemente diante de perspectivas cada vez mais velozes do fim do mundo, fim do que deveríamos considerar comum, é o que o mercado global nos condena a ver toda vez que olhamos com mais cuidado o que faz o fundamento geral das várias formas de privatização, violência e miséria. Tal visão se impôs e só nos restou manter o título do evento e homenagear outros dois mais que reconhecidos lutadores contra tal estado de coisas, daí chegarmos ao “Perspectivas do fim do mundo II: uma homenagem a Leci Brandão e Paulinho da Viola”. Como não reconhecer nela e nele o desafio insistente e permanente contra tais perspectivas? Belezas puras!²

¹ Parte do evento está descrita na revista **O manguezal** e pode ser acessada nos endereços: <https://periodicos.ufs.br/omanguezal/issue/view/1122> e <https://periodicos.ufs.br/omanguezal/issue/view/1052>. Cf. também o material deixado no endereço: <https://www.facebook.com/Gefilufs/>.

² Vale demais conferir o lindo vídeo curto que nos enviou, para nós galera de Sergipe e da UFS, Leci Brandão: <https://www.youtube.com/watch?v=0fNCdJqnA4E>.

Se o simbólico que a mídia nos obriga a respirar é o da horrorosa violência subjetiva, são também ela/ele/s dois, dentre uma infinidade de outra/os poetas brasileira/os, que nos permitem respirar outros ares, muitas vezes de crítica, é verdade, já que existem outras violências mais horrorosas ainda que aquela, mas sempre de uma agudeza compensada pela beleza musical. Ou seja, se a perspectiva insistente é de fim do mundo é verdade também que ela vem compensada por música brasileira da mais pura beleza, provas que a música brasileira segue pensando, afinal de contas: *“Absurdo, o Brasil pode ser um absurdo; até aí tudo bem, nada mal; pode ser um absurdo mas ele não é surdo, o Brasil tem ouvido musical, que não é normal, meu amor”*.



O que seria de nós companheiros e companheiras, pois, sem Leci e Paulinho? Aí sim seria de fato o fim, fim de todo amor, o fim de toda possibilidade, da luta sem fim contra o fim! Mas não seria essa a própria definição do que nós que gostamos de nos colocar mais à esquerda consideramos a boa política?

A luta não cessa, mas contra as perspectivas do fim do mundo seguimos insistindo na boa política, na defesa do comum, da e na musicalidade, do e no samba, forró, ladainha, rap, reggae etc. etc. e tal, no ouvido musical que há de seguir sendo não-normal; é esse certamente

o principal motivo de insistirmos na realização de um tal evento, nós que sempre reconhecemos o apelo: “*Que a lua venha nos iluminar e o sol para nos aquecer, pois quando a brisa da manhã chegar irá fortalecer ainda mais a união, vou sonh[-amb-]ar então*”! Venham, unamo-nos, sonh[a-sa-mb-]emos!

Pois é, durante uma semana nos unimos aqui na UFS São Cristóvão, aqui do ladinho do Rosa Elze, Eduardo Gomes etc. etc., mas um pouco lá longe também etc. gomas e tal, na prática da boa e músico-filosófica política, basta ver a programação final do evento para confirmar a verdade do que dizemos. E temos dito! De todo modo, e de forma muito resumida, por aqui nos encontramos em falas incríveis, sabedorias incríveis, sacadas incríveis, críticas mas também poetações poderosíssimas e cheias de musicalidade. Abrimos o evento com o lançamento do livro **Uma escrita filosófica – Ode ao pensamento inebriado discursos e poemas**, do mestre de todos nós sergipanos Severo D’Acelino; abertura que contou com as palestras de Ilziver de Matos Oliveira e Ana Caroline Trindade Santos e foi coordenada por Christian Lindberg, Silvana Bretas e Débora de Gois. Tivemos as bancas de qualificação de membros do GEFILUFS que discutiram os temas “Problemática do desejo/poder em Gilles Deleuze e Michel Foucault” e “Linguagem e consciência: a causalidade da linguagem e sua relação com o ser humano”, que contaram com a participação de professores do DFL-UFS, do Ceará e do Rio de Janeiro; também as mesas “O samba a contrapelo, contribuições da filosofia e história” em que tivemos membros de programas de pós-graduação da UFBA, UFF e UFS, “RPA 2 e Filosofia: perspectivas para um novo mundo” e “Negritude suscitada nos versos da música brasileira” nas quais falaram alunos do PPGF e DFL da UFS e nas quais contamos com a presença do líder comunitário e nosso brother Manosinho. Tivemos três oficinas de capoeira, com uma parte do Conselho de Capoeira de Sergipe, com parte do grupo Ganhamoroba e com o mestre Benedito Carlos Libório C. Araújo; que aconteceram associadas a três oficinas de ritmos brasileiros em que homenageamos também Carolina Maria de Jesus, nas quais contamos com as presenças dos percussionistas mestre Laconga, Felipe Gomes, Antônio Pereira e William Piauí (oxente, eu mesmo!); sempre com frequência de muita gente da UFS, do Rosa Elze e de onde os grupos costumam se reunir aqui em Sergipe.

Passamos uma tarde toda “Falando sobre Ervas medicinais” e como “Proteger as águas e adiar o fim do mundo”, conversas em que contamos com a presença da ilustríssima Mãe Acácia do Axé Ilê Oba Obassa Odé Bamirê Oba-Fanidê do Eduardo Gomes e falamos até de rio do Canadá e do mar de Sargaços (Conhece? Pois é.); em outra tarde toda passamos em

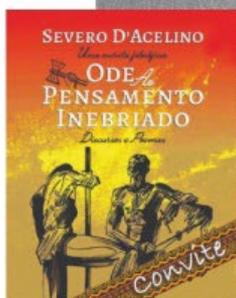
companhia da ilustríssima sambista Bel Nunes, que também cantou um bocadinho, “Conversando sobre Samba em Sergipe”, na qual contamos com músicos membros do Conservatório de Sergipe; em outra falando sobre a “Compreensão filosófica da origem material do forró-raiz”, na qual contamos com os sanfoneiros Joaquim Casaca de Couro e José Carlos Valério e que foi seguida da discussão do tema “A filosofia na MPB”; por fim, uma outra tarde “Falando sobre o Reggae em Sergipe” na qual tivemos as presenças já de costume dos nossos mais que queridos amigos Ras Panda e Plebeu Jaó, que tocaram e cantaram muito. Eita que foi música-filosófica que não acabava mais!

PERSPECTIVAS DO FIM DO MUNDO II: UMA HOMENAGEM A
LECI BRANDÃO E PAULINHO DA VIOLA
VII Semana de Filosofia da Linguagem
20 A 24 DE NOVEMBRO DE 2023
Programação finalizada



PERSPECTIVAS DO FIM DO MUNDO II

20 A 24
NOVEMBRO



UMA HOMENAGEM A
LECI BRANDÃO E PAULINHO DA VIOLA



Tivemos a incrível noite em que discutimos os temas “Samba, Black Music e Identidade”, conversa coordenada pela jornalista Aline Braga em que participaram o DJ e jornalista Rafa Aragão, Stephen Bocsday dos EUA e Geraldo Campos da UFS. Etc. etc. etc. e tal. Tudo finalizado na mais que maravilhosa Casa dos Marionéticos com o grupo “Samba Raiz”

que sambou e fez sambar em homenagem a Leci Brandão e Paulinho da Viola. E só sei que foi mais ou menos assim!

Com isso, e também isto aqui, ou seja, também com mais esse volume da nossa revista de alunos **O manguezal**, esperamos deixar registrado em um formato próximo do acadêmico, mas que não desconsidera as diferenças e as diversidades, nosso compromisso com a extensão em um Campus que existe no Rosa Elze, São Cristóvão, Sergipe, Nordeste, Brasil, América do Sul, Hemisfério Sul, Planeta Terra.

E talvez o nosso maior desafio nesses anos em que organizamos os dois Perspectivas do fim do mundo e pensamos atividades de fato de extensão tenha sido pensar a pergunta: Como tornar as experiências da extensão, que por conta de ter de passar por atividade institucionalizada pode perder suas principais características, as que a ligam essencialmente ao que acontece fora da instituição universidade, práticas que não deixem de auxiliar as e os reais detentores do saberes que elas envolvem a terem maior visibilidade e a devida consideração por aqueles que pensam a instituição universidade pública brasileira naquilo que temos considerado ensino e pesquisa? Para a qual nossa resposta, sempre em elaboração, tem sido: É preciso começar aprendendo a conversar e a escrever de um modo completamente diferente se o que queremos é de fato criar, experimentar e registrar atividades extensionistas, para o que nada melhor que um evento diverso e flexível e uma revista também suficientemente experimental e multigênero como a nossa. Eis que ela/es não de falar por si mesmos!

Gostaríamos de finalizar essa apresentação agradecendo às uniões institucionalizadas que foram nossas parceiras, ao DFL e PPGF UFS, sempre a partir dos quais nossos eventos começam a ser pensados, ao nosso irmão DEC UFS, à Proex UFS, às prefeituras de São Cristóvão e Estância, ao Neabi UFS, à Adufs, à Unegro-SE, ao Movimento Negro Unificado, à Editora Memoriafro, à Casa do Marionéticos etc. Por fim, a todas aquelas e aqueles que nos ajudaram mandando mesas e mesmo minicursos com participantes e temas já fechados, que fizeram sugestões de nomes e mesmo convites e muitas outras coisas, a todes nosso muito obrigado. Moçada e rapaziada, companheiras e companheiros, ..., ... camaradas..., por enquanto é isso; a tod@s que colaboraram com essa iniciativa de união, esse imenso pagode, e que devem seguir na luta, um imenso abraço e é nossa esperança que seguiremos juntos até o próximo Perspectivas, até breve!

Madre Paulina, São Cristóvão, Sergipe, Nordeste, Brasil

Maio de 2024

*Vou viajar por todo Sertão.
Onde houver Caatinga eu vou.
Vou cantar Gangae em louvação a Jah.
Clamando pelo nordestino, que arduamente busca seu pão.
Trabalha a Terra, joga a semente, rega e cuida da plantação.
É paciente, e persistência creio que nunca irá faltar.
Na abundância ou deficiência a tua fé não reclinará.
Magnifico Jah.
Ele proverá.
Água pra molhar nossa plantação.
Água pra molhar nossa plantação.
Água pra molhar nossa plantação.
Água pra molhar nossa plantação.*

“Caixeiro do nordeste”, letra de Plebeu Jaó e Kiki Aledhuma